

Marcílio promete inflação anual de 40%

ASSIS MOREIRA
Especial para o Estado

DAVOS, Suíça — Moderadamente otimista. Essa foi a reação média entre os 40 empresários internacionais que ouviram ontem a exposição do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, sobre o programa de estabilização da economia brasileira.

Um empresário norte-americano, L.C. Estenfelder, presidente da divisão internacional das indústrias Gates (com 1.200 empregados no Brasil), disse que sua empresa chegou a ameaçar abandonar o País por causa da inflação. Decepcionado com a economia brasileira, Estenfelder disse ainda que o "o Brasil não é fonte confiável para exportação e seu mercado interno encontra-se em pedaços".

Marcílio retrucou afirmando que é justamente isso que ele vem combatendo. E prometeu taxa mensal de inflação de 3% a 4% no final do ano e uma taxa anualizada de 40% a partir do último trimestre.

Um dos poucos empresários inteiramente satisfeitos com a exposição do ministro foi o suíço Cristopher Eter, presidente da Sulzer Internacional, empresa do setor de bens de capital, com duas indústrias no Brasil. "Em minha memória, ele é o primeiro ministro brasileiro que faz mais do que diz: encontrei-me com Marcílio em outubro, em Genebra, ele prometeu que não haveria mais choques e cumpriu o que disse."

A Sulzer, porém, não investirá este ano no Brasil, porque não tem muitas encomendas, explicou Eter. Por sua vez, o francês Jean-Pierre Meyer

saiu do encontro dizendo que o ministro parecia otimista demais. Também o banqueiro Henri Moulard, presidente do Lyonnaise, ressaltou: "O ministro é forçosamente otimista."

O presidente do Banco Roberts, o argentino Enrique Rueti, sustentou que, diante do panorama otimista traçado pelo ministro, é bom apro-

veitar para investir em breve no Brasil, o que ele eventualmente fará no setor industrial. Mais incisivo foi o suíço Benedict Henster, do banco de investimentos Darier. "Vamos continuar colocando dinheiro no Brasil, é claro."

Mas o que surpreendeu mesmo os empresários foi a timidez, a posição quase incógnita, do Brasil neste Fórum

Mundial da Economia. Um empresário brasileiro declarava: "O ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, que dizia que para onde o Brasil fosse a América Latina iria, hoje fez uma exposição no Fórum, mencionando a América Latina. Falou até do Chile, mas simplesmente ignorou o Brasil."

Num outro momento, a surpresa foi do diretor da Área Externa do Banco Central, Arminio Fraga. Depois de acompanhar um debate sobre a América Latina, Fraga constatou que o Brasil simplesmente foi ignorado. "As vedetes são agora o Chile e o México, mas o Brasil ainda é o de maior potencial", concluiu.

Marcílio Marques Moreira não teve direito nem sequer a uma exposição no próprio Fórum Mundial de Economia. Seu encontro com os 40 empresários internacionais ocorreu durante um almoço, num hotel próximo de uma pista de esqui.

É normal esse tipo de acontecimento em Davos. O problema é explicar por que México, Argentina, Chile e Colômbia fazem a maior campanha por captação de investimentos, com direito a seminários, palestras, etc., e o Brasil se limita a uma reunião em um restaurante. "É preciso organizar melhor a presença do Brasil, não basta dar telefonemas dois dias antes de vir para cá", sugeriu um empresário europeu.

O ministro Marcílio resumiu o encontro assim: "Foi muito bom, os empresários reagiram positivamente e mostraram interesse em continuar investindo em nosso país."



Campanha de otimismo

Marcílio: panorama positivo para manter o interesse estrangeiro em investir no Brasil